

Instituto de Direitos Humanos (IDH). Articulação Nacional de Mulheres Negras. Marcha Nacional de Mulheres Negras.

Resumo da apresentação: As vozes dissidentes das mulheres negras serão reinterpretadas e analisadas a partir da experiência de mulheres negras que constroem o movimento negro, o movimento de mulheres negras e são sujeitos fundamentais no movimento de mulheres e feminista.

### **Mulheres Negras no Brasil em Marcha: recusa em morrer, políticas de enfrentamento à necrofilia, cartografias de resistência e poéticas de bem viver**

**Lorena Francisco de Souza, loren.ueg@gmail.com, Universidade Estadual de Goiás**

A mesa propõe a tematizar as estratégias políticas de resistência à necropolítica de estado e da sociedade que afetam e vitimam a vida das pessoas e das comunidades negras; demarcar a participação das mulheres negras como protagonistas de processos de enfrentamento à bio-política de eliminação física e simbólica; cartografar a produção de processos históricos que traduzem marchas e poéticas de bem viver.

Bióloga Marta Cesária – Fundadora do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, Membro do Fórum Nacional de Mulheres Negras, Membro do Conselho Federal de Saúde, Coordenadora do Projeto Elas Nas Exatas.

Apresentação: Poder e articulação política das mulheres negras; capacitação, produção e divulgação de conhecimento; resistência e lutas pelo bem viver.

Profa. Ieda Leal – Sindicalista, Coordenadora do Centro de Referência em Cultura Negra Lélia Gonzalez, Presidenta Nacional do Movimento Negro Unificado  
Apresentação: A experiência do Movimento Negro Unificado no Brasil, a luta histórica pela vida do povo negro, novas configurações da resistência política.

Jornalista Mônica Aguiar – Colunista, blogueira, Coordenadora Geral do Centro de Referência de Cultura da Mulher, da Rede Nacional de Ciberativistas Negras  
Apresentação: Racismo promovido pelo aparelho institucional do Estado e os dados da violência no Brasil, aspectos da vivência de mães e famílias cujos direitos civis e humanos são violados, encarceramento da população negra, silêncio e medo.

Profa. Dra. Fátima Lima – UFRJ

Necropolítica como mecanismo Estado e a ficcionalização da morte e da violência como discursividades e delírios do poder nas relações raciais. Raiva e potência na experiência do povo negro no Brasil.

### **Raça e gênero: epistemologias de um feminismo negro e produção do conhecimento: aproximações e problematizações a partir do campo educacional.**

- Silvani dos Santos Valentim (CEFET-MG)

Proponente e Coordenadora da Mesa

Silvani Valentim, Doutora em Educação – Professora do CEFET-MG. Coordenadora de Gênero, Relações Étnico-Raciais Inclusão e Diversidades (CGRID) da mesma instituição.

Observatório de Gênero e Raça da subsecretaria de Política para as Mulheres de Minas Gerais.

Tema: Raça e gênero: epistemologias de um feminismo negro e produção do conhecimento: aproximações e problematizações a partir do campo educacional.

Resumo da apresentação: Abordará a temática de raça e gênero e a produção do conhecimento. Tratará de apresentar referenciais que colaborem com o fortalecimento de uma práxis dialógica no âmbito dos movimentos sociais, a academia e as epistemologias dissidentes das mulheres negras.

### **Mulheres Negras no Brasil em Marcha: recusa em morrer, políticas de enfrentamento à necrofilia, cartografias de resistência e poéticas de bem viver**

- Lorena Francisco de Souza (Universidade Estadual de Goiás)

A mesa propõe a tematizar as estratégias políticas de resistência à necropolítica de estado e da sociedade que afetam e vitimam a vida das pessoas e das comunidades negras; demarcar a participação das mulheres negras como protagonistas de processos de enfrentamento à bio-política de eliminação física e simbólica; cartografar a produção de processos históricos que traduzem marchas e poéticas de bem viver.

Participantes: Bióloga Marta Cesária – Fundadora do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, Membro do Fórum Nacional de Mulheres Negras, Membro do Conselho Federal de Saúde, Coordenadora do Projeto Elas Nas Exatas;

Apresentação: Poder e articulação política das mulheres negras; capacitação, produção e divulgação de conhecimento; resistência e lutas pelo bem viver.

Profa. Ieda Leal – Sindicalista, Coordenadora do Centro de Referência em Cultura Negra Lélia Gonzalez, Presidenta Nacional do Movimento Negro Unificado;

Apresentação: A experiência do Movimento Negro Unificado no Brasil, a luta histórica pela vida do povo negro, novas configurações da resistência política. Jornalista Mônica Aguiar – Colunista, blogueira, Coordenadora Geral do Centro de Referência de Cultura da Mulher, da Rede Nacional de Ciberativistas Negras;

Apresentação: Racismo promovido pelo aparelho institucional do Estado e os dados da violência no Brasil, aspectos da vivência de mães e famílias cujos direitos civis e humanos são violados, encarceramento da população negra, silêncio e medo.

Profa. Dra. Fátima Lima – UFRJ

Apresentação: Necropolítica como mecanismo Estado e a ficcionalização da morte e da violência como discursividades e delírios do poder nas relações raciais. Raiva e potência na experiência do povo negro no Brasil.

### **O racismo e a perpetuação de mortes na sociedade brasileira: Do epistemicídio ao feminicídio e o genocídio da população negra.**

- Giselle Cristina dos Anjos Santos (Universidade de São Paulo - USP)

Inúmeras expressões da violência racial acometem a vida da população negra no Brasil. A morte acompanha este processo de diversas formas, pois existem muitas formas de assassinato, não apenas o do corpo físico, mas a morte simbólica, psicológica, identitária, política, etc. Esta exposição tem por objetivo discutir o modo como o epistemicídio, o feminicídio e o genocídio operam e se entrecruzam na experiência da população negra na sociedade brasileira, por meio da intersecção dos sistemas de opressão de gênero, classe e raça. Além de apontar algumas alternativas no campo do trabalho, empreendidas por instituições da sociedade civil focadas na promoção da diversidade de gênero e raça.

### **Racismos e antirracismos no Brasil e em Portugal**

**Marcos Antonio Batista da Silva, marcos.psyco@yahoo.com.br, Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais (CES)**

A Mesa Redonda aborda as Relações Raciais no Brasil e em Portugal

**Relato de experiência: vivências além-mar no contexto étnico-racial** - Marcos Antonio Batista da Silva (Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais (CES))

Estudantes e pesquisadores, homens e mulheres, que optaram por viver no exterior, de um lado, podem ter enfrentado barreiras como por exemplo: idioma utilizado no país, competitividade do ambiente de trabalho, adaptação à cultura do país estrangeiro, racismo, entre outros. Por outro lado, estas barreiras encontradas, podem ter sido “compensadas” pelos ganhos no campo acadêmico/profissional, propiciados por um ambiente profissionalizado, além de uma rede de relacionamento que se fizeram importante para a carreira. No que se refere ao idioma, perguntamos: será que temos no Brasil uma política linguística que favoreça uma educação bilíngue? No que tange ao racismo, vale dizer que durante a minha estada em Portugal tenho acompanhado as manifestações no contexto brasileiro e português. Como tenho pesquisado sobre o racismo, em particular, no contexto educacional, vale dizer, que a mídia tem vinculado vários casos de racismo, no contexto educacional, em especial no Estado de São, no Brasil, como noticiou o site [g1.https://g1.globo.com/sp/sao-paulo](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo), de março de 2018. Entre 2016 e 2017, o estado de São de Paulo registrou 2.873 boletins de ocorrência de injúria racial. Isso equivale a uma média de 4 casos por dia. No mesmo período, o estado registrou 142 boletins de ocorrência de “injúria racial” ocorridos dentro de estabelecimentos de ensino, o que representa 1 caso a cada 5 dias. Nesta direção perguntamos: como implementar práticas antirracistas, e uma política institucional no ambiente educacional? Será que as práticas racistas no Brasil e na Europa em particular em Portugal são semelhantes? Para alguns autores, muitas vezes, a Europa tem negligenciado a história de lutas políticas, assim tem ignorado ativamente a contribuição de intelectuais ativistas antirracistas mais críticos (Maeso& Araújo, 2013). Para estes autores, no que se refere ao racismo institucional e às políticas de integração especificamente nas esferas do emprego e educação, é necessário questionar criticamente os pressupostos por trás dos discursos sobre integração, coesão social, interculturalidade e diferença cultural.